

## **A vivência das cores - As quatro imagens das cores** **Rudolf Steiner**

GA 291\* Primeira conferência Dornach, 6 de maio de 1921

Tradução: Salvador Pane Baruja, 03/02/2022

Uso particular e sem fins lucrativos

Nos próximos três dias, vamos falar das cores das quais se ocupam os físicos<sup>1</sup> – só que desta vez não vamos falar desse aspecto das cores –, mas também os psicólogos, ou pelo menos deveria ser assim, e deveriam interessar especialmente o artista, o pintor. Observando as concepções que existem até o presente sobre o mundo das cores, vamos constatar que, embora seja permitido ao psicólogo dizer isto ou aquilo sobre as vivências subjetivas das cores, isso realmente não tem qualquer significado para o conhecimento objetivo do mundo das cores e que só teria sentido para o físico. Ao artista não lhe é permitido dizer nada justamente sobre a essência das cores e sobre elas mesmas num sentido objetivo. Na atualidade, os seres humanos encontram-se muito mas muito longe mesmo do que Goethe quis dizer com a frase frequentemente citada: “A pessoa a quem a natureza começar a desvelar o seu evidente segredo sentirá uma irresistível saudade pela sua mais digna intérprete, a arte”<sup>2</sup>.

Quem estiver de fato no elemento artístico, como foi o caso de Goethe, não teria nem por um instante qualquer dúvida de que a opinião do artista sobre o mundo das cores deve necessariamente estar relacionada com a essência das cores. Na trivial vida convencional, as cores são tratadas como elas se apresentam na superfície dos objetos, conforme as impressões que recebemos do colorido da natureza. Além disso, através da conhecida tentativa de observar um prisma, chega-se a ver, de maneira flutuante, o seu colorido, e busca-se dirigir, de alguma outra maneira, um olhar ao mundo das cores. De fato, as pessoas têm o ponto de vista de que, inicialmente, o colorido só pode ser julgado a partir de uma impressão subjetiva. Os senhores sabem que, durante muito tempo, existia na Física o costume, ou também pode-se chamar de o mau costume, de dizer o seguinte: O mundo colorido que nós percebemos realmente só existe nos nossos sentidos, enquanto que lá fora no mundo as cores objetivas nada mais representam do que um certo movimento ondulatório da mais fina matéria, chamada de éter.

Aliás, quem quiser imaginar como seriam essas definições percebe que não tem como concluir que o que ele conhece como a sua vivência da impressão causada pelas cores possa ter a ver com um éter em movimento. Quando se fala das cores e de suas qualidades, mesmo que a pessoa busque o lado objetivo delas, vê-se somente a subjetividade dessas impressões. Dessa maneira, entretanto, a pessoa afasta-se das cores. Pois, em todos os movimentos ondulatórios do éter que são inventados – sim, na verdade são inventados – nada mais existe daquilo que é o nosso mundo colorido. Se a pessoa quiser chegar à objetividade das cores, ela precisa mesmo ficar no mundo das cores. Deve resistir a abandonar o mundo colorido. Assim, ela pode ter a esperança de penetrar naquilo que realmente é a essência das cores.

Vamos tentar aprofundar aquilo que o amplo e diversificado mundo pode oferecer através das cores. Como queremos penetrar na essência das cores e assim vivenciá-las, devemos elevar a observação ao nível da nossa vida da sensação. Devemos tentar perguntar à nossa vida da sensação a respeito daquilo que vive no nosso mundo exterior como sendo a cor. Inicialmente, vamos proceder de certa maneira experimental e idealizada para atingir processos que, em geral, são

---

1 Vide os ciclos de conferências GA 320 *Impulsos da Ciência Espiritual para o desenvolvimento da Física I. Luz, cor, som, massa, eletricidade, magnetismo* e GA 321 *Impulsos da Ciência Espiritual para o desenvolvimento da Física II. O calor no limite da materialidade positiva e negativa*.

2 Vide GA 1 *A obra científica de Goethe*.

difíceis de analisar e não se revelam de maneira clara e radical, e assim poder chegar logo ao essencial.

Vamos imaginar que vou tentar pintar perante os senhores uma superfície de verde, então, vou cobrir uma superfície com uma cor verde. Ao proceder assim, vai aparecer uma área pintada com uma cor verde. Peço aos senhores que compreendam aquilo que aqui não pode ser feito, pois geralmente não é possível pintar com uma cor verde uma superfície preta. Mas quero mostrar isso esquematicamente ao senhores [ele desenha]<sup>3</sup>.

Se deixar-mos que os sentimentos surjam da própria cor, poderemos então, sem entrar em definições, vivenciar o verde como tal. Ninguém vai duvidar agora de que, aquilo que podemos sentir ao ver essa cor verde, naturalmente também vamos sentir ao observar a verde camada de plantas da Terra. O que vivenciarmos na pura cor verde também vamos sentir na camada verde de plantas da Terra, porque ela é justamente verde. Devemos deixar de considerar tudo aquilo que ainda existe nessa camada, porque somente queremos ver o esverdeado. Agora, vamos ver esse esverdeado com os olhos da alma.

Se eu quiser pintar algo nesse esverdeado, posso utilizar as mais variadas cores. Agora, queremos tornar visíveis três cores.

Portanto, aqui temos um esverdeado, aqui um outro e, finalmente, um terceiro aqui. Façam de conta que eu pinto um pouco de vermelho no primeiro esverdeado; no segundo, uma espécie de cor de flor de pessegueiro – bom, eu não tenho essa cor aqui, mas essa outra serve<sup>4</sup> – e no terceiro esverdeado pinto um pouco de azul.

Os senhores devem reconhecer que eu fiz algo que se mostra, a nível anímico, simplesmente muito diferente em cada um dos três casos, e que surge um certo sentimento quando eu coloco um pouco desse vermelho no verde, um pouco da cor de flor de pessegueiro no {segundo} verde ou mesmo do azul no {terceiro} verde. Agora, trata-se de expressar de alguma maneira o sentimento que se apresenta aos olhos da alma.

Se a pessoa quiser expressar algo assim, ela terá de tentar descrever de alguma maneira, porque pouco vai conseguir com definições abstratas. Vamos fantasiar um pouco o que acabamos de pintar. Vamos imaginar que, no primeiro caso, eu tentei criar o sentimento que gera uma camada verde de plantas e agora desenho nela umas pessoas vermelhas. Se eu pintar o rosto {dessas pessoas} de vermelho, a pele de um vermelho parecido ou as roupas de vermelho, isso não faz diferença. Aqui [na primeira área verde] pinto pessoas vermelhas, aqui na segunda área verde pinto pessoas da cor de flor de pessegueiro e aqui [na terceira área verde] pinto pessoas azuis. Assim, não tento imitar a natureza, mas só faço o necessário para poder constatar a complexidade de sensações que realmente existem nisso tudo.

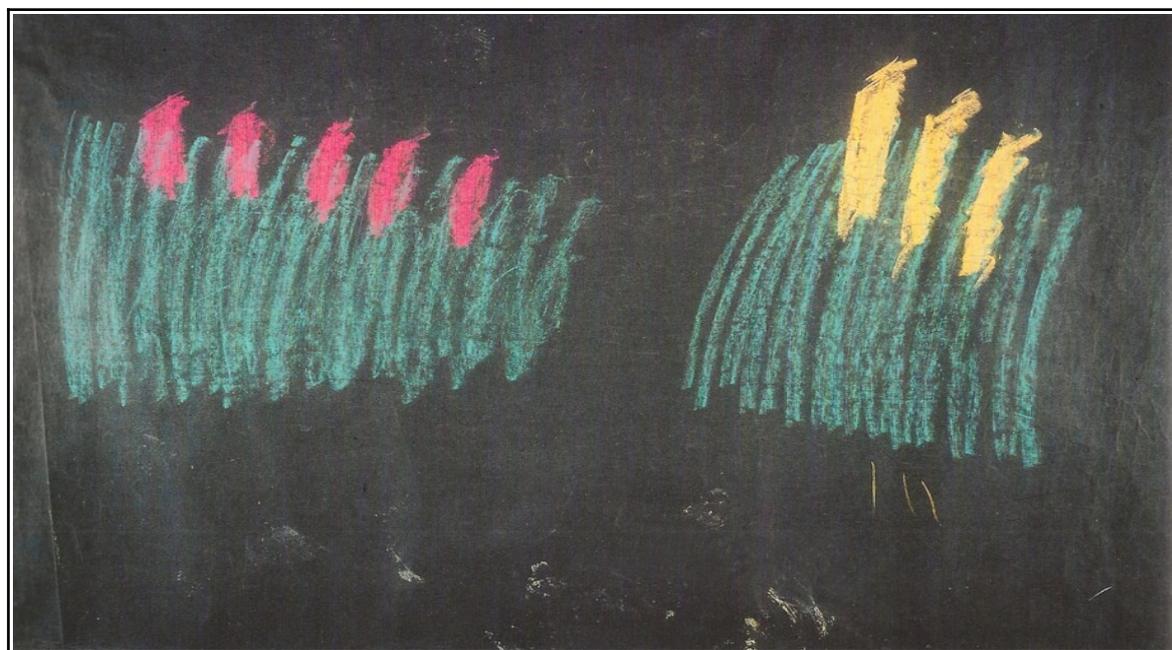
Imaginem os senhores que estão observando o seguinte: unas pessoas vermelhas passeiam pela grama verde, ou pessoas da cor de flor de pessegueiro ou até pessoas azuis – em cada um desses casos, temos uma enorme variedade de complexas sensações. No primeiro caso, os senhores diriam que essas pessoas vermelhas que passeiam pela grama verde emprestam vivacidade a toda a grama verde. A grama é mais verde ainda porque as pessoas vermelhas passeiam nela. O verde torna-se mais saturado, mais vivo, porque as pessoas vermelhas estão na grama. E eu fico indignado ao ver como essas pessoas vermelhas estão aí. Eu digo que isso é irreal, que isso não existe de maneira nenhuma. Na verdade, eu deveria pintar essas pessoas vermelhas como se fossem raios, elas deveriam se mexer. Pois pessoas vermelhas tranquilas na grama verde produzem uma agitação pela própria tranquilidade, porque elas se mexem devido à sua cor vermelha, elas geram na grama um

3 Rudolf Steiner pintava com giz no quadro-negro ou, como este caso, em papel preto preso ao quadro-negro. NT: os textos entre colchetes [ ] pertencem ao texto original. Acréscimos do tradutor são apresentados entre chaves { }.

4 Na época, não era comum ter giz da cor de flor de pessegueiro.

efeito que realmente é impossível de acontecer, que é esse estado de permanecer tranquilas. Portanto, eu preciso chegar a um determinado complexo de sensações para poder entender de alguma maneira essa imagem.

Aqui [no segundo esverdeado] está tudo bem. As pessoas que são assim como estas pintadas de cor de flor de pessegueiro podem ficar aí [tranquilamente]; se elas permanecerem aí horas a fio, isso não iria me incomodar de jeito nenhum. Tenho a sensação de que essas pessoas de cor de flor de pessegueiro não têm nada a ver de especial com a grama, elas não agitam o gramado, não o tornam mais verde ainda, elas são neutras com relação à grama. Elas podem ficar na grama onde quiserem, elas não me incomodam. Elas acham lugar em qualquer parte. Elas não têm qualquer relação intrínseca com a grama verde.

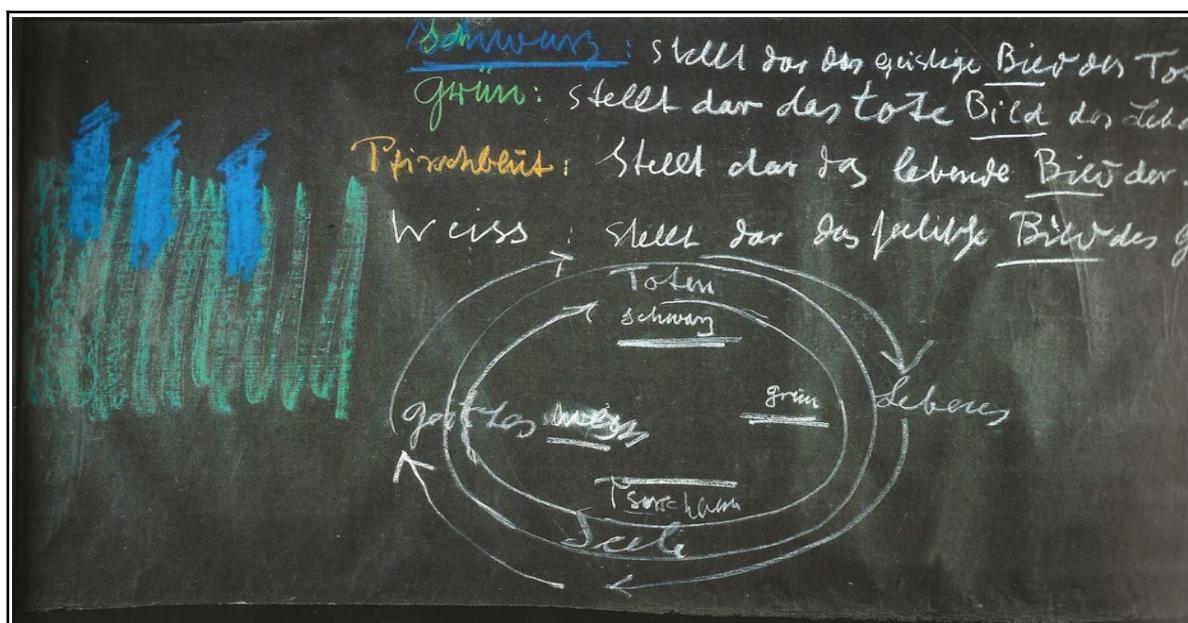


Rudolf Steiner desenhou durante a conferência com giz sobre papel preto. Esta imagem mostra os tracos vermelhos e os de cor de flor pessegueiro sobre o esverdeado.<sup>NT</sup>

Agora passo para o terceiro esverdeado e olho as pessoas azuis nele. O azul nem parece estar aí, não fica aí de jeito nenhum. Pois essa cor azul das pessoas na grama verde faz sumir toda a grama. A grama perde o seu esverdeado. Ela não chega de jeito nenhum a ser verde. Se os senhores tentarem imaginar com muita fantasia pessoas azuis que passeiam por um gramado verde ou então seres azuis – também podem ser espíritos azuis -, se ao menos tentarem uma vez, os senhores verão que a grama deixa de ser verde, toma uma coloração azulada, passa a ser azul, deixa de ser verde.

E quando essas pessoas azuis ficam muito tempo no gramado verde nem consigo imaginar de maneira alguma algo assim. Eu fico achando que em algum lugar deve existir um abismo, as pessoas azuis levam a grama para longe de mim, carregam a grama, e a jogam no abismo. Tudo isso é tão improvável, que não pode ficar assim, pois, se os homens azuis permanecem aí, não pode ter de jeito nenhum grama verde aí, eles a levam consigo para longe de mim.

NT: Os desenhos aqui publicados constam da edição póstuma de Rudolf Steiner, *Wandtafelzeichnungen zum Vortragswerk*, Band XVIII, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 2002, p. 36 e 37.



Este segundo desenho da conferência mostra os tracos azuis sobre o esverdeado, além do texto e do círculo, incluídos por Steiner já no final da conferência.

Os senhores vêem, isso é a vivência das cores. É preciso ter essa vivência das cores, caso contrário, não será possível fazer nada com o mundo das cores. Se alguém quiser conhecer o mais belo uso, o mais significativo uso, da fantasia, deve estar também em condições de experimentar justamente na área da fantasia. A pessoa deve ser capaz de se perguntar: o que vai acontecer com a grama verde se homens vermelhos andarem nela? Ela vai ficar mais verde ainda, ela vai ser completamente real no seu esverdeado. O verde vai começar a queimar. Mas as pessoas vermelhas injetam tamanha vida no esverdeado, que não posso imaginar que isso fique assim tranquilo; realmente, as pessoas deveriam andar pelo gramado. Se eu fosse de fato pintar um quadro, não pintaria pessoas tranquilas de vermelho, mas deveria pintar assim, que [texto original ilegível]. Elas se movimentam como se formassem uma roda. Uma roda de pessoas vermelhas, isso daria para pintar num gramado verde. Ao contrário, pessoas que não estão vestidas de vermelho, completamente vestidas de encarnado, poderiam ficar por toda a eternidade no gramado verde. Estas são completamente neutras em relação ao verde, são indiferentes ao gramado verde, que fica do jeito que ele é. Nada muda, nem sequer a menor nuance. Mas as pessoas azuis vão embora e levam o gramado consigo, pois o gramado inteiro perde sua cor verde devido aos homens azuis.

Quando se fala de vivenciar as cores, deve-se falar comparando. Não se pode falar como os hipócritas quando se trata de vivenciar as cores, porque assim não se chega à vivência desejada. Deve-se falar comparando. Mas na verdade o hipócrita comum e corrente já fala comparando, quando ele diz que uma bola de bilhar bate nas outras, os cervos batem, bois e búfalos batem realmente, mas, na realidade, as bolas de bilhar não batem umas nas outras. Porém, na Física fala-se de “bater”, porque em toda parte é preciso usar comparações análogas para poder começar a falar.

Essa comparação nos dá, digamos assim, a possibilidade de ver algo parecido no mundo das cores. Nele existe aquilo que devemos buscar como sendo a essência das cores.

Vamos escolher primeiro uma cor muito característica, uma cor que já vimos, vamos escolher justamente a cor que se apresenta em nossa região como a mais estimulante no verão: a cor verde. Ela se apresenta nas plantas. Já estamos acostumados a ver o verde das plantas como {sendo a} sua propriedade. Realmente, não sentimos nenhuma outra essência assim tão profundamente ligada a uma coisa como o esverdeado de uma planta. Não sentimos a necessidade de achar que certos animais verdes só podem ser verdes, pensamos sempre que eles também poderiam ter outra cor. Mas com as plantas pensamos que o esverdeado pertence a elas. Vamos tentar justamente penetrar na essência objetiva da cor da planta, enquanto que em geral somente buscamos a sua essência subjetiva.

O que é a planta que, de certa forma, apresenta a cor verde? Os senhores sabem que, do ponto de vista da Ciência Espiritual, a planta só existe porque, além do corpo físico, também tem o corpo etérico. Esse corpo etérico é o que realmente vive na planta. Mas esse corpo etérico não é verde. A essência que faz a planta verde já é parte constitutiva do seu corpo físico, de tal forma que a cor verde é o mais característico da planta, mas que não faz parte da essência primordial da planta. Pois essa essência primordial da planta está contida no corpo etérico; se a planta não tivesse corpo etérico, seria um mineral. É na sua mineralidade que a planta se apresenta realmente para nós com a cor verde. Seu corpo etérico tem uma cor completamente diferente. Mas o corpo etérico se apresenta para nós através do verde mineral da planta. Se observarmos a planta em relação ao corpo etérico, se considerarmos o seu esverdeado em relação ao corpo etérico, então devemos dizer: vamos separar de maneira abstrata, de um lado, a autêntica essência da planta, o seu etérico e, do outro, o esverdeado, e então, ao retirar o esverdeado da planta, é como se realmente tivermos uma imagem de algo. Na medida em que eu separei o esverdeado do etérico, só tenho uma imagem da planta e essa imagem é necessariamente verde – eis o característico da planta. Portanto, é na imagem da planta que eu vejo o seu esverdeado. Logo, assim como eu atribuo à cor verde o caráter de ser o essencial da planta, também devo atribuir esse verde à imagem da planta, é no esverdeado que devo buscar a essência especial da imagem da planta.

Os senhores vêem que assim chegamos a algo essencial. Ninguém se engana se, ao observar uma galeria de antepassados num velho castelo, dizer que esses não são os autênticos antepassados, pois apenas são as imagens dos antepassados. Em geral, os antepassados não estão lá na galeria, mas apenas as suas imagens, não é verdade? É por isso que, assim como na galeria só temos as imagens dos antepassados, mesmo vendo o verde da planta nós não temos nele a essência da planta. O verde que se apresenta aos nossos olhos é apenas a imagem da planta. Pensem os senhores que o esverdeado é o {elemento} característico da planta, que entre todos os seres a planta é a real essência da vida. De fato, o animal tem alma, o ser humano tem alma e espírito. Os minerais não têm vida. A planta é o ser cuja característica é justamente ter vida. Os animais têm, além de vida, a alma. Os minerais não têm alma. O ser humano ainda tem o espírito. Não podemos dizer do ser humano, nem do animal nem do mineral, que sua essência é a vida, porque a essência é algo diferente. A essência das plantas é a vida e a cor verde é a imagem dessa essência. Portanto, eu realmente fico por completo na área da objetividade quando eu digo:

O verde representa a imagem morta do que é vivo.

Os senhores podem ver – queremos avançar de maneira indutiva, se formos falar de maneira doutoral – que agora consegui algo de uma cor, que me permite apresentar objetivamente a cor ao mundo. Assim como, ao receber uma foto, posso dizer que essa foto é do senhor N. N., da mesma maneira posso dizer que, quando tenho a cor verde, ela representa a imagem morta do que é vivo. Eu não reflito mais a partir de uma impressão subjetiva, mas afirmo que o verde representa a imagem morta do que é vivo.

Agora, vamos tomar essa cor aqui, a cor da flor de pessegueiro. Especificamente, eu gostaria de falar da cor encarnada do ser humano, que, claro, não é a mesma para todas as pessoas, mas mesmo assim chegamos a uma cor à qual de fato eu faço referência quando falo da cor de flor de pessegueiro [texto incompleto no original]. A cor da flor de pessegueiro, portanto, a cor encarnada do ser humano, a cor da pele humana. Vamos tentar chegar à essência da cor da pele humana. Geralmente, só podemos ver essa cor da pele humana olhando de fora. Olhamos para uma pessoa e vemos exteriormente nela essa cor. A questão é se é possível chegar a ter uma consciência dessa cor da pele humana como que vista de dentro, da mesma maneira como conseguimos com o verde da planta. Isso seria possível se procedermos da seguinte maneira.

Se uma pessoa de fato tentar corretamente imaginar que ela é interiormente animada e projetar esse ser-animado-por-dentro para a sua forma físico-corporal, ela então pode imaginar que, aquilo que a alma, pode ser transferido para essa forma. Na medida em que ela transfere esse elemento anímico na sua forma física, ela vive na cor encarnada. O que isso significa poderá ficar mais claro se os senhores observarem uma pessoa, na qual a alma se retira um pouco da pele, se retrai da forma exterior, de tal maneira que a alma não anima a forma da pessoa. O que acontece, então, com essa pessoa observada? Ela adquire uma cor verde! Ela tem vida, mas possui essa cor verde. Fala-se de pessoas verdes, e os senhores podem muito bem reconhecer essa particular cor verde no cútis dessa pessoa, cuja alma dela se afasta. Em contrapartida, enquanto mais uma pessoa adquirir uma particular nuance dessa vermelhidão no seu cútis, melhor os senhores poderão ver essa nuance nela. Se os senhores observarem agora o temperamento, o humor, desses homens verdes e daqueles que realmente têm uma clara cor encarnada, verão que a alma se sente nesta cor. O que irradia a partir do encarnado para fora nada mais é do que o ser humano que vivencia a sua alma em si mesmo.

Podemos, portanto, dizer que a cor que vemos no encarnado é a imagem da alma, correto, é a imagem da alma. Mas se os senhores [ainda] saírem pelo mundo afora, [vão achar que]<sup>5</sup> aquilo que se apresenta como o encarnado humano vem a ser a cor de flor de pessegueiro. Pois não o encontramos em outros objetos. Na pintura, só conseguimos essa cor através de todo tipo de jeitinhos artísticos, pois o que surge como o encarnado humano já é a imagem do elemento anímico, mas não o próprio anímico, não deve haver a menor dúvida a esse respeito. Ele é a imagem vívida da alma. A alma que se vivencia a si mesma sente-se na cor encarnada. Ela não está morta, como no caso do verde da planta, mas quando a alma se afasta do ser humano ele se torna verde e aí acaba morrendo. Portanto:

A cor da flor de pessegueiro representa a imagem vívida da alma.

Assim, tanto no primeiro quanto no segundo caso temos imagens.

Como os senhores observam, eu passei a tratar de uma outra cor. Tentamos captar objetivamente o colorido e não apenas considerar uma impressão subjetiva e daí inventar algum tipo de ondas ondulatórias e coisas desse tipo, que, por isso, deveriam ser objetivas. É possível literalmente sentir na pele que é um absurdo separar a cor encarnada da sensação que o ser humano experimenta. A sensação corporal do encarnado vivo é muito diferente da sensação corporal de uma pessoa esverdeada. É de fato um ser interior que se apresenta assim nessa cor.

---

5 Esta frase está incompleta no original datilografado e foi corrigida para a primeira edição da conferência. Na obra GA 276 *A missão da arte no mundo - O gênio da língua*, conferência em Cristiânia (atual Oslo) em 18 de maio de 1923, encontra-se a seguinte referência à cor de flor de pessegueiro e à cor semelhante à carne: “Olhando a natureza, só encontramos na cor de flor de pessegueiro durante a primavera a cor mais parecida à cor do ser humano sadio. Não existe na natureza exterior outra cor parecida à do encarnado”.

Vamos agora lidar com a terceira cor, com o azul, e vamos dizer que, inicialmente, no azul não achamos um ser característico, como é o caso da planta com seu verde, e não podemos falar do azul como o fizemos do encarnado, a cor da flor de pessegueiro, no ser humano. Não encontramos essas cores entre os animais, que são igualmente singulares como os seres humanos, como o encarnado e, entre as plantas, como o verde. Portanto, não é possível lidar com o azul dessa maneira em contato com a natureza. Mas nós queremos avançar, queremos ver se conseguimos dar mais um passo à frente nessa busca da essência das cores.

Como não podemos chegar ao azul, temos a possibilidade de nos aproximar-nos às cores claras, mas, para podermos avançar com maior facilidade e mais rapidamente, vamos usar aquilo que conhecemos como sendo a cor branca. Inicialmente, não podemos dizer que essa cor é característica de algum ser do mundo exterior. Podemos apelar para o reino mineral, mas nós queremos tentar chegar de outra maneira a ter uma representação objetiva do branco. Assim, podemos dizer que, quando simplesmente iluminamos a cor branca, temos a sensação de que o branco tem algum tipo de parentesco com a luz. Isso é, porém, inicialmente apenas uma sensação. Mas passa a ser mais do que uma sensação quando nós ficamos ao ar livre, ao sol, que, inicialmente, aparece no mínimo nuançado em comparação ao branco, e que é a referência inicial de tudo o que representa a iluminação natural no mundo. Podemos dizer que, aquilo que para nós se mostra como sendo o sol, que se apresenta como o branco, mas que, ao mesmo tempo, apresenta seu parentesco interior com a luz, isso tem a singularidade de que não se apresenta de jeito nenhum para nós como uma cor exterior. A cor exterior surge nos objetos. E algo assim como a cor branca do sol, que para nós representa a luz, não surge para nós diretamente nos objetos. Mais tarde, vamos falar a respeito do tipo de cor que a gente trata como sendo o branco no papel, no giz e objetos semelhantes, mas para isso vamos usar um desvio. Inicialmente, se queremos aproximar-nos do branco, devemos dizer que, a princípio, vamos chegar através do branco até a luz como tal. Para sentir completamente essa sensação, nós apenas precisamos afirmar que o preto é a imagem oposta do branco.

Como não duvidamos mais que o preto é a escuridão, então podemos muito facilmente identificar o branco com a luminosidade, com a luz como tal. Em outras palavras, se elevarmos esta observação ao nível da sensação, vamos encontrar a íntima relação entre a cor branca e a luz. Vamos aprofundar esta questão nos próximos dias.

Se quisermos pensar por conta própria sobre a luz, sem cair na tentação de aceitar o espantalho de Newton<sup>6</sup>, mas, no lugar disso, observarmos imparcialmente as coisas, então podemos dizer que nós vemos as cores. Entre o branco que se apresenta como cor e a luz deve existir uma condicionalidade muito especial. Então, inicialmente vamos retirar o branco dessa observação. Só que, diferentemente de outras cores, aqui tomamos conhecimento da luz como tal. Os senhores devem se perguntar se realmente enxergam a luz. Os senhores não poderiam ver as cores se o ambiente não estivesse iluminado. A luz permite que os senhores vejam as cores; mas não podem dizer que enxergam a luz assim como enxergam as cores. Em todo e qualquer espaço onde os senhores enxergam cores, aí tem luz. A essência da luz é tornar as cores perceptíveis. Mas nós não vemos a luz da mesma maneira como enxergamos o vermelho, o amarelo, o azul.

A luz está por toda parte onde está claro, mas nós não vemos a luz. Em todos os lugares, a luz deve estar em contato com algum objeto para que a possamos ver. Ela deve estar presente e ser

---

<sup>6</sup> Referência à até hoje vigente compreensão mecanicista da teoria da ótica do físico, matemático e astrônomo inglês. Isaac Newton (1643-1727), contra quem Goethe lutou infrutiferamente. Rudolf Steiner defendeu sem descanso a teoria de Goethe: GA 65 *Sobre a vida espiritual da Europa Central*, conferência de 25 de fevereiro de 1916, e GA 1 *A obra científica de Goethe*. {NT: este comentário foi condensado}.

preservada, ela deve ser refletida. A cor se encontra na superfície dos objetos, mas não podemos dizer que a luz está presa a algum tipo de matéria, a luz é algo que flutua constantemente. Mas quando acordamos de manhã e somos iluminados pela luz, resplandecemos graças à luz, então nós sentimos nossa própria essência, sentimos esse íntimo parentesco da luz com a nossa própria essência. E, por outro lado, quando acordamos na escuridão da noite sentimos que não conseguimos chegar à nossa essência, que de certa forma ficamos em nosso interior, mas que, devido às circunstâncias desse instante, somos algo que não se sente no seu elemento. E também sabemos que a luz dá à pessoa esse sentimento de voltar-a-estar-em-si-mesma. Não é nenhuma contradição que o cego não tem esse sentimento. Ele é organizado para que assim seja e tudo depende dessa organização. Nós temos a mesma relação com a luz que o eu tem com o mundo, mas, na verdade, não é exatamente a mesma; pois não podemos dizer que, devido a que luz nos preenche, já chegamos ao eu. Apesar disso, a luz é necessária para que nós possamos chegar ao eu, pois somos seres que podem ver.

O que é tudo isso realmente? Nós dizemos que a luz, que se mostra no branco – a relação interior veremos mais tarde –, é aquilo que efetivamente nos preenche espiritualmente, que nos leva ao nosso próprio espírito. Nosso eu, ou seja, nosso espírito, está relacionado com esse estar-iluminado-pela-luz. E quando captamos esse sentimento – inicialmente devemos entender tudo o que vive na luz e nas cores como uma sensação – então podemos dizer que existe uma diferença entre a luz e aquilo que se apresenta como o espírito no eu. E, apesar disso, a luz nos dá algo do nosso próprio espírito. Através da luz, nos temos a vivência de que o eu realmente pode se sentir interiormente na luz.

Resumindo tudo o que dissemos, nada mais podemos afirmar do que o eu é espírito, mas deve vivenciar-se anímicamente; e ele se sente a si mesmo anímicamente, na medida em que se sente iluminado. Condensado numa fórmula, os senhores verão que:

O branco, ou a luz, representa a imagem anímica do espírito.

Está claro que eu tive que compor esta terceira etapa apenas a partir do sentimento. Mas eu peço aos senhores que, contando agora com essa fórmula, tentem pensar uma e outra vez esse tema e, assim, poderão ver que realmente tem algo nisso tudo:

O verde representa a imagem morta do que é vivo,  
A cor de flor de pessegueiro representa a imagem vívida ou viva da alma,  
O branco, ou a luz, representa a imagem anímica do espírito.

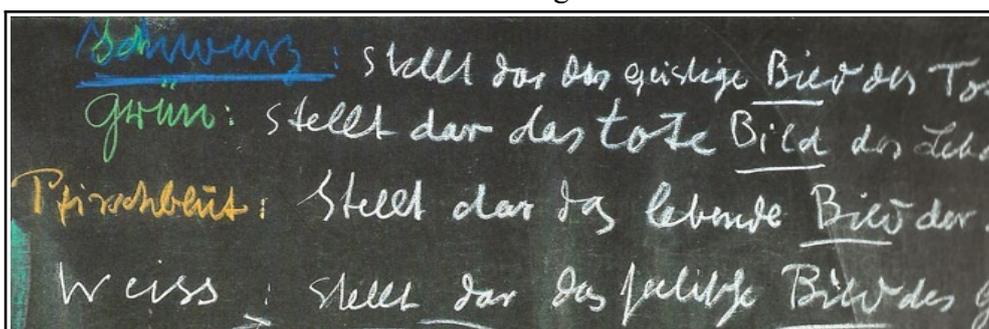
Agora, vamos para o preto ou a escuridão. Então aí os senhores poderão entender que posso falar do branco e do claro, posso falar da luz, em conexão à relação que surge entre a escuridão e o preto. Vejamos agora o preto. Tentem inicialmente se relacionar de alguma forma com o preto, com a escuridão! Os senhores podem, sim. Sem sombra de dúvidas que é fácil encontrar o preto, inclusive na natureza, como sendo algo característico, uma característica essencial de algo, assim como o verde é uma característica essencial das plantas. É só olhar o carvão. Para aumentar a representação mental de que o preto tem alguma coisa a ver com o carvão, imaginem os senhores que o carvão também pode ser muito claro e transparente: aí então é um diamante. Mas o preto é tão significativo para o carvão, que, se esse não fosse preto, mas branco e transparente, aí seria um diamante. O preto é de tal forma essencial para o carvão, que ele deve, de fato, ao preto a sua razão de ser carvão, Assim, o carvão deve sua razão de ser escuro, preto, justamente à preta escuridão na qual ele aparece. Assim como as plantas têm sua imagem no verde, igualmente o carvão tem sua imagem no preto.

Mas agora peço que os senhores se coloquem, se sintam, no preto: tudo ao redor dos senhores é preto – a preta escuridão -, um ser físico não pode fazer nada na preta escuridão. A vida é retirada da planta, na medida em que ela vira carvão. Portanto, a cor preta mostra logo que ela é algo estranho à vida, é uma inimiga da vida. O carvão mostra isso, pois a planta, na medida em que vira carvão, fica preta. Vida, onde está a vida? Não tem nada disso no preto. E a alma? A alma define quando sentimos o preto em nós. Mas o espírito floresce, o espírito pode penetrar o preto, o espírito pode se impor dentro do preto.

Podemos dizer que, quando os senhores pintam o preto numa superfície branca, trazem o espírito nessa área branca – se, numa próxima vez, olhando a arte em preto e branco, o claro-escuro na superfície, testarem isso, verão que é assim mesmo. Os senhores espiritualizam o branco justamente no traço preto, na superfície preta. Os senhores podem inserir o espírito no preto. Mas é só isso que pode ser inserido no preto. E, assim, os senhores têm a fórmula:

O preto representa a imagem espiritual do que é morto.

Detalhe do texto do segundo desenho



Preto: representa a *imagem* espiritual do que é morto

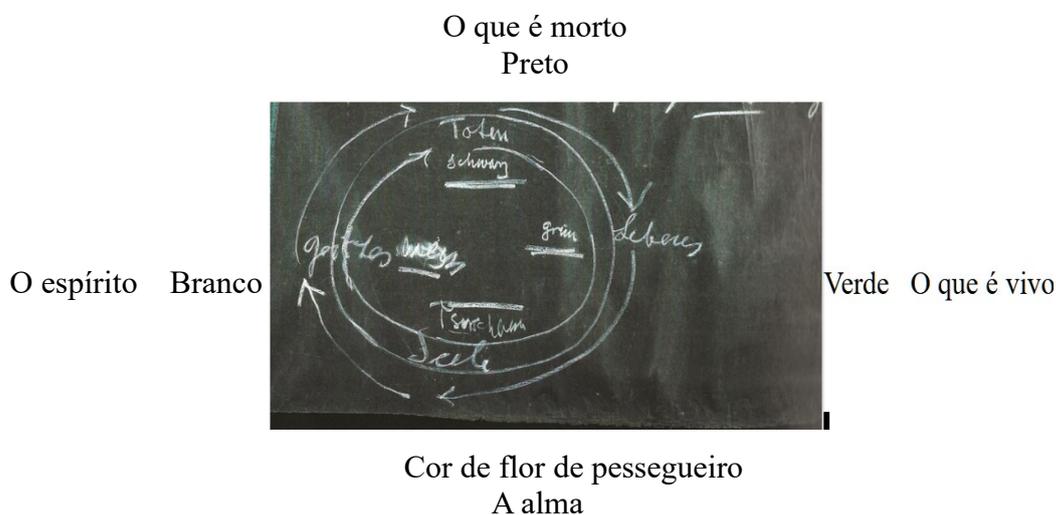
Verde: representa a *imagem* morta do que é vivo

Cor de flor de pessegueiro: representa a *imagem* vívida da alma

Branco: representa a *imagem* anímica do espírito

Dessa maneira, conseguimos um curioso ciclo da essência objetiva das cores. Quando representamos mentalmente esse ciclo, de alguma maneira temos sempre uma imagem na cor. Sob todas as condições, a cor não é real, mas uma imagem. Assim, temos, primeiro, a imagem do que é morto; depois, a imagem do que é vivo, a imagem da alma, a imagem do espírito [veja o desenho]. Portanto, na medida em que passamos de uma parte a outra no círculo, temos: preto, a imagem espiritual do que é morto; verde, a imagem do que é vivo; a cor de flor de pessegueiro, a imagem da alma; e branco, a imagem do espírito. Se eu quiser acrescentar o adjetivo que corresponde a cada cor, devo partir do que já existe: o preto é a imagem espiritual do que é morto; o verde é a imagem morta do que é vivo; a cor de flor de pessegueiro é a imagem vívida da alma; branco é a imagem anímica do espírito.

### Detalhe do círculo do segundo desenho



Nesse círculo, nesse ciclo, tenho a possibilidade de referir-me a certas tonalidades básicas – preto, branco, verde e cor de flor de pessegueiro – na medida em que a primeira palavra indica o adjetivo que se aplica à última: o preto é a imagem espiritual do que é morto; o verde é a imagem morta do que é vivo; a cor da flor de pessegueiro é a imagem vívida da alma; branco é a imagem anímica do espírito.

Portanto, ao reunir os reinos da natureza – o reino do que é morto, o reino do que é vivo, o reino do animado e o reino espiritual – eu me elevo do morto ao vivo, ao animado e ao espiritual, e assim mesmo me elevo do preto, ao verde, à cor de flor de pessegueiro e ao branco. Os senhores podem ver que, assim como é verdade que eu posso subir do que é morto através do que é vivo até o animado e o espiritual e que reconheço que o mundo existe ao meu redor, assim também reconheço o mundo ao meu redor nas suas imagens, na medida em que eu me elevo: preto, verde, cor de flor de pessegueiro e branco. De fato, assim como é real que Constantino, Fernando, Felix e outros são verdadeiros antepassados e eu posso ascender por meio dessa fileira de antepassados, assim também posso passar pelas imagens e ter as imagens dessa fileira de antepassados. O mundo está diante de mim: os reinos mineral, vegetal, animal e espiritual, na medida em que o ser humano é o espiritual. Eu ascendo pelas realidades; mas a própria natureza me fornece as imagens dessas realidades. Elas se reproduzem. O mundo colorido não é uma realidade, o mundo colorido da natureza já é em si mesmo uma imagem: e a imagem do que é morto é o preto; a imagem do que é vivo é o verde; a imagem da alma é a cor da flor de pessegueiro; a imagem do espírito é o branco.

Isso nos conduz às cores em relação ao que é objetivo nelas mesmas. Hoje devemos pressupor isso, na medida em que queremos avançar e entrar na natureza das cores, na essência das cores. Pois não adianta de nada dizer que a cor é uma impressão subjetiva. Essa frase é altamente indiferente para a cor. Para o verde, é altamente indiferente se formos onde ela se encontra e a olharmos; mas não lhe é indiferente quando o que é vivo mostra a sua própria cor, quando não é

tingido pelo elemento mineral e assim por diante, quando o que é vivo se mostra com suas próprias cores, quando tem que representar o verde para fora. Isso é algo objetivo. Se a olharmos ou não, isso é algo absolutamente subjetivo. Mas porque o que é vivo tem que mostrar-se na cor verde, então o que é vivo tem que apresentar a cor verde; e isso é objetivo.

Sim, isso é o que hoje quis adiantar ... [texto original incompleto]<sup>7</sup>.

Bom, amanhã, novamente às 8:30 horas, vamos continuar com a conferência sobre a cromática.

{NT: Esta tradução tem a particularidade de reunir, pela primeira vez, o texto da conferência e os desenhos feitos por Rudolf Steiner durante a sua realização em 1921. As publicações em alemão incluem desenhos de outras pessoas, a partir dos originais (por exemplo, nas edições de 1973 e de 1991, em preto e branco; na de 1959, em cor). Os originais foram inicialmente publicados em cor em 1999 e republicados em 2002 e em 2003.}

\* GA 291 A essência das cores, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 1973.

---

<sup>7</sup> Neste ponto, Rudolf Steiner fez alguns comentários sobre um artigo de adversários, que só foram registrados fragmentadamente no original taquígrafado. Nos dois dias seguintes, ele proferiu outras conferências sobre a cor.